

A luta das classes na França – 2018-2019 – O movimento dos “Coletes Amarelos”

Data	Março de 2019
Autor	Robin Goodfellow
Versão	V 1.0

Sumário

1.	UM MOVIMENTO COM FORMAS INÉDITAS	4
2.	O MOVIMENTO COMUNISTA E OS COLETES AMARELOS	9
3.	ANEXO: A PROPÓSITO DA “MASSA REACIONÁRIA”.....	19

“Imaginar que a revolução social das pequenas nações nas colônias e na Europa seja *concebível* sem insurreições, sem explosões revolucionárias de uma parte da pequena-burguesia *com todos os seus preconceitos*, sem movimento das massas proletárias e semiproletárias politicamente inconscientes contra o jugo senhorial, clerical, monárquico, nacional, etc., é *repudiar a revolução social*. É imaginar que um exército tomará posição em um dado lugar e dirá “Nós somos pelo socialismo” e que outro, em outro lugar, dirá “Nós somos pelo imperialismo”, e isto será então a revolução social! Somente os que têm essa visão pedante e ridícula podem qualificar injuriosamente a insurreição irlandesa de “putsch”.

Qualquer um que espera uma revolução social “pura” nunca viverá o bastante para vê-la. Tal pessoa não passa de um revolucionário da boca para fora que não compreende nada do que é uma verdadeira revolução.

A revolução russa de 1905 foi uma revolução democrático-burguesa. Ela consistiu de uma série de batalhas travadas por *todas* as classes, grupos e elementos descontentes da população. Entre eles, havia massas imbuídas dos mais bárbaros preconceitos, lutando pelos mais vagos e fantásticos objetivos, havia grupúsculos que recebiam dinheiro japonês, havia especuladores e aventureiros, etc. *Objetivamente*, o movimento de massas abalou o czarismo e abriu a via para a democracia, e é por isso que os operários conscientes estavam à sua frente.

A revolução socialista na Europa *não pode ser* outra coisa senão a explosão da luta da massa dos oprimidos e descontentes de toda espécie. Elementos da pequena-burguesia e das massas atrasadas inevitavelmente participarão nela – sem esta participação, a luta de massa *não é possível, nenhuma* revolução é possível – e, inevitavelmente também, eles trarão para o movimento seus preconceitos, suas fantasias reacionárias, suas fraquezas e seus erros. Mas, *objetivamente*, eles atacam o *capital*, contudo a vanguarda consciente da revolução, o proletariado avançado, que expressará esta verdade objetiva de uma luta de massa díspar, discordante, heteróclita, à primeira vista sem unidade, poderá uni-la e orientá-la, conquistar o poder, apoderar-se dos bancos, expropriar os trustes odiados por todos (embora por razões diferentes!) e realizar outras medidas ditatoriais cujo conjunto terá como resultado a derrubada da burguesia e a vitória do socialismo, que, de modo algum, depurará de imediato as escórias pequeno-burguesas.” (Lenin, Resumo de uma discussão sobre o direito das nações à autodeterminação. Obras completas, t. 22, 1916)

1. Um movimento com formas inéditas

O detonador do movimento foi o aumento da taxa sobre os combustíveis¹. Depois, o movimento foi bem além do que parecia, no início, ser um protesto de motoristas provincianos. Ele chegou a colocar várias questões, entre as quais a dos impostos e da reforma fiscal. Esta última figura entre as reivindicações mais compartilhadas, o que está coerente com o fato de o movimento ter-se apresentado inicialmente como uma revolta fiscal.

Para o marxismo, a reivindicação de uma queda dos impostos surge de uma luta interclassista que interessa principalmente à burguesia e, ainda mais, à pequena-burguesia, sem trazer grande coisa para o proletariado². No entanto, o proletariado não é indiferente à essa questão e defende constantemente sua política fiscal³.

As reivindicações do movimento, especialmente na questão fiscal, mostram que o proletariado, mesmo desempenhando um papel determinante no movimento dos coletes amarelos pois introduziu sua potência social e incluiu reivindicações que lhes são próprias, continua sob a direção política e ideológica da pequena-burguesia.

A luta imediata que caracteriza o proletariado é claramente uma luta pelo salário (incluindo aposentadoria e renda mínima), embora sabendo que o objetivo que o proletariado revolucionário persegue é a abolição do salariado. Evidentemente, e como consequência de sua intervenção maciça no movimento dos coletes amarelos, as reivindicações proletárias com respeito aos salários e as aposentadorias emergiram rapidamente. Essa erupção da questão do salário rapidamente constrangeu Macron e seu governo de defesa da ordem burguesa a fazer mais concessões. Embora não passassem de migalhas, como compreendeu muito bem o movimento⁴, as concessões do dia 10 de dezembro representavam mais do que não conseguiram obter todas as jornadas de inação sindicais que não tinham outra finalidade senão a de sufocar as lutas. Isso também o movimento dos coletes amarelos compreendeu muito bem. Foi, aliás, tirando lições das práticas das burocracias sindicais que o movimento chegou à conclusão de que era preciso deixá-las de lado, enquanto elas não deixaram de denegri-lo destacando e exagerando as mais reacionárias dimensões do movimento.

¹ Devemos acrescentar, sem dúvida, o estabelecimento do limite de 80km/h nas rodovias e as multas decorrentes.

² “‘Impostos’! Coisas que interessam muito à burguesia, mas só muito pouco aos operários: aquilo que eles pagam como impostos incorpora-se com o tempo aos custos de produção da força de trabalho e tem, portanto, de ser também compensado pelos capitalistas. Todos esses pontos, que aqui nos são apresentados como questões de alta importância para a classe operária, só têm na realidade interesse essencial para o burguês e mais ainda para o pequeno-burguês, e afirmamos, a despeito de Proudhon, que os trabalhadores não têm como missão zelar pelos interesses destas classes.” (Engels, *Sobre a questão da habitação*)

³ Para maiores detalhes ver nosso texto a ser publicado em seguida sobre a política fiscal do proletariado.

⁴ Por exemplo, tomemos uma reivindicação que interessa à classe proletária: “o aumento do SMIC [*Salário Mínimo Interprofissional de Crescimento*: valor do salário mínimo horário – NDR] de 100 euros”. Ela não faz senão antecipar e acelerar uma promessa de campanha que devia revalorizar o SMIC ao final do quinquênio; ela compreende a revalorização automática do SMIC previsto em janeiro de 2019; e, quanto ao resto, ela consiste em um aumento do “bônus de atividade” [um subsídio social para os trabalhadores de baixa renda – NDR], que não custará nada ao patronato (pois será paga pelo imposto). Ora, esse bônus não entra no cálculo dos direitos à aposentadoria. Para os aposentados, idem. A queda da CSG [*Contribuição Social Generalizada* para o financiamento da seguridade social – NDR] para as menores aposentadorias deixa intacta a decisão de não mais indexá-las à alta dos preços, etc.

O movimento assumiu formas inéditas que se explicam, por um lado, pelas evoluções na composição das classes.

Aposentados, desempregados e sem-reservas em confronto direto com o Estado

A esperança de vida aumentou fortemente depois do final da segunda guerra mundial. Não apenas a população mundial aumentou de mais de 4 bilhões de habitantes nestes últimos 70 anos, mas a esperança de vida progrediu globalmente cerca de 20 anos⁵. Essa média não deve esconder as disparidades na esperança de vida entre os mais ricos e os mais pobres⁶ ou entre os homens e as mulheres⁷. Como as leis sociais, colocadas permanentemente em xeque, permitem nos países mais ricos entrar-se na aposentadoria enquanto diminui a taxa da natalidade, a parte dos aposentados na população total aumenta. Particularmente na França a esperança de vida com boa saúde permanece bem longe da esperança de vida total⁸. Em muitos países, a maior parte do último período da vida é uma vida com má saúde. Nessa época da vida é que as despesas de saúde são as mais elevadas.

Na França, os aposentados representam cerca de 16 milhões de pessoas, ou seja, perto de ¼ da população. Relacionado à essa evolução, o montante das aposentadorias e do mínimo de velhice⁹ passou de 5,9% do PIB em 1959 para cerca de 14% do PIB atualmente. De outro lado, as despesas de saúde passaram de cerca de 3% do PIB em 1950¹⁰ para 12% em 2018. As sucessivas derrotas do proletariado nestes últimos 20 anos deveriam reduzir essa parte a pouco mais de 11% nas décadas por vir¹¹. Entretanto, essas perspectivas, traçadas pelo Estado burguês, postulam que o modo de produção capitalista não conhecerá grandes crises de superprodução, nem a falência do Estado, nem uma exacerbação da concorrência entre as nações, nem a perspectiva de guerra,

⁵ Na França, a esperança de vida aumentou em trinta anos desde o início do século XX. (Le Monde, 20/02/2019)

⁶ Na França, cerca de 85 anos para os 5% dos homens mais ricos e cerca de 72 anos para os 5% mais pobres; mais de 88 anos e 80 anos, respectivamente, do lado das mulheres. (Le Monde, 20/02/2019)

⁷ Na França, mais de 85 anos para as mulheres e cerca de 80 anos para os homens. (Le Monde, 20/02/2019)

⁸ Na França, mais de 64 anos para as mulheres e mais de 62 anos para os homens.

⁹ O mínimo de velhice é um montante atribuído aos idosos cuja renda anual não pode ultrapassar um teto fixado.

¹⁰ “Aos cinquenta e cinco anos, a parte do consumo de cuidados e bens médicos (CSBM) no PIB cresceu significativamente, passando de 2,5% em 1950 para 8,8% em 2005. (...)

A parte do financiamento do CSBM pela seguridade social que se elevava a 51% em 1950 progrediu visivelmente para se estabilizar em 77% entre 1990 e 2005. A parte assumida pelo Estado, de 12% em 1950, quanto a ela, diminuiu significativamente para se estabilizar em torno de 1% entre 1990 e 2005. Simetricamente, a parte da CSBM assumida pelas seguradoras de saúde passou de 5,8% em 1950 para 7,3% em 2005 e aquela deixada a cargo "dos seguros domiciliares e complementares fora das seguradoras de saúde" passou de 31% em 1950 a 14% em 2005.” (Annie Fenina, *Cinquenta e cinco anos de despesas de saúde. Uma retrospectiva de 1959 a 2005*. Em francês)

¹¹ “O peso das despesas de aposentadoria no produto interno bruto (PIB) recuará "fortemente" daqui a 2060, com a França então se encontrando em posição mais favorável que seus vizinhos europeus diante do envelhecimento da população, prevê um estudo do INSEE publicado quinta-feira.

Globalmente estável até 2025, o peso das despesas de aposentadorias se reduziria, sobretudo, entre 2025 e 2060, para representar 11,2% do PIB contra 13,8 atualmente.

"Graças às reformas adotadas há mais de 20 anos", a parte das despesas das aposentadorias no PIB deveria diminuir de 2,6 pontos neste período, segundo as projeções do Instituto Nacional de Estatística e Estudos Econômicos (INSEE) e a direção nacional do Tesouro.” (https://lentreprise.lexpress.fr/actualites/1/actualites/fort-recul-du-poids-des-retraites-dans-le-pib-a-l-horizon-2060-insee_1709896.html)

nem as consequências da desregulação climática, nem as lutas das classes..., todas as coisas que levam a colocar muitas dúvidas sobre as projeções da burguesia. Além disso, apesar das notas positivas que a burguesia se atribui, a purgação não terminou como mostram as políticas conduzidas pelo governo de Edouard Philippe¹² e as reformas previstas.

Como, geralmente, os aposentados não trabalham mais, eles não podem mais fazer greve nem ocupar sua empresa e, portanto, é por ações sobre o território que eles podem se expressar. Evidentemente, os aposentados não são uma classe social, nem um grupo homogêneo, e é preciso recolocá-los na sua classe de origem. Mas, é o Estado que fixa as regras da revalorização da aposentadoria de base (quanto mais baixo for o salário, mais esta aposentadoria de base constitui uma parte importante das aposentadorias), e o governo, além do aumento da CSG¹³, empenhou-se em não mais compensar a inflação ao mesmo tempo em que aumentou as taxas sobre o combustível.

Juntaram-se igualmente aos aposentados os desempregados e os sem-reservas (RSA¹⁴,...) que, do mesmo modo, também só podem se confrontar diretamente com o Estado ou organismos públicos.

A incidência da pequena-burguesia ...

Quanto aos pequeno-burgueses do tipo classe média tradicional (artesãos, pequenos comerciantes, camponeses), em que a empresa está reduzida à sua única pessoa, o conflito não passará por aí. Também é assim para esta fração das classes médias: – autoempreendedores, trabalho independente moderno – cujo ressurgimento recente é produto das contradições da produção capitalista¹⁵. Eles parecem estar fortemente mobilizados no movimento, o que não tem

¹² Primeiro ministro da França desde 21/07/2017.

¹³ No financiamento das despesas sociais, a importância relativa das cotizações sociais diminuiu (60%) enquanto os impostos e taxas afetadas desempenham um papel crescente. Aumentando a CSG, o Estado toma em uma mão o que ele concede na outra.

¹⁴ *Rendimento de Solidariedade Ativa (Revenu de Solidarité Active)*: rendimento garantido ao desempregado que encontra um emprego, sujeito a determinadas regras, para completar sua renda de tal modo que atinja um determinado nível de renda doméstica.

¹⁵ A condição de autoempreendedor foi rebatizada de microempreendedor pela lei de 2014. Mas o termo, mais valorizador, continua amplamente em uso. Além disso, ele pode ser compatível com a condição de assalariado, o que permite a alguns deles fazer “extras” por conta de uma empresa, ou se preparar para uma mudança de atividade. Mas, o essencial da criação diz respeito a pessoas que se lançam em uma atividade independente, frequentemente muito jovens (particularmente nas atividades que mais se desenvolvem e que requerem menos adiantamento de capital – por exemplo, consultoria). Segundo um estudo do INSEE (<https://www.insee.fr/fr/statistiques/3314444#titre-bloc-18>), os microempreendedores representam mais de 40% das criações de empresas (242.000 sobre 591 000, em 2017). Se adicionarmos as 152.000 empresas individuais clássicas, as 73.000 criações de SAS [*Société par Action Simplifiée – Sociedade por Ação Simplificada*: uma forma intermediária entre sociedade de responsabilidade limitada e sociedade anônima – NDR] com sócio único ou unipessoal e as cerca de 30.000 SARL [*Société à Responsabilité Limitée – Sociedade de Responsabilidade Limitada – NDR*] unipessoais, obtemos cerca de 500.000 criações decorrentes de um projeto individual, isto é, no essencial, desprovidas das características de um nível adequado de produtividade social. De fato, esse número é ainda mais elevado, pois apenas 3,9% das empresas criadas - cerca de 23.000 sobre 591.000 - têm ao menos 1 assalariado. Passados cinco anos, não restam mais do que ¼ dos autoempreendedores da geração de 2010, contra 50% das empresas individuais clássicas e os 2/3 das sociedades. Em média, o faturamento dos microempreendedores ativos é da ordem de 1.000 € por mês, sendo que 3% deles declaram ultrapassar o teto admitido para a posição (32.600 €).

Em um estudo de 2014 havia 28% de solicitantes de empregos entre os candidatos a autoempreendedores e 38% de assalariados (geralmente à procura de um complemento de renda).

nada de surpreendente considerando a enorme precariedade de sua situação. Quanto à pequena-burguesia capitalista, é evidente que ela não quer que o conflito passe pela greve na empresa.

... E a do proletariado

Enfim, os proletários (que desempenharam um papel decisivo no vigor, na dinâmica do movimento e na aparição de reivindicações de classe), na medida em que trabalham em pequenas ou microempresas, consideram que a greve seria ineficaz devido ao peso social destas empresas. Por outro lado, considerando o tamanho delas, o risco de fazê-las desaparecer é levado em conta na apreciação da situação. Além do mais, na medida em que eles lutam porque os fins dos meses são difíceis, uma perda suplementar do salário por causa da greve representa um sacrifício ainda mais importante. Por último e não menos importante, seria uma ocasião de recuperar uma empreitada sindical (este é igualmente o caso para as classes médias assalariadas que também são um componente do movimento), da qual eles se esforçaram por afastar até o presente.

Além disso, o movimento começou com a iniciativa de representantes da pequena-burguesia (classe média)¹⁶ das regiões denominadas “periurbanas”¹⁷, apaixonadas pelo automóvel¹⁸! A classe média, no sentido marxista do termo, predomina na direção do movimento. O mesmo se aplica, e isso é bem mais importante, ao alinhamento político. Além da composição social da direção do movimento, o proletariado se coloca sob a direção política da pequena-burguesia no sentido genérico do termo (classe média e pequena-burguesia capitalista). Mas é o proletariado, a classe do trabalho assalariado submetido ao capital, que é amplamente majoritário no movimento. As classes médias tradicionais (artesãos, pequenos comerciantes que não empregam assalariados) e a pequena-burguesia (capitalista) estão super-representados nos coletes amarelos, embora formem somente 10% dos efetivos. A massa de operários (14%), de empregados (33%, também super-representados) – o que mostra igualmente a importância das mulheres no movimento, pois elas estão geralmente na categoria de empregados –, de quadros qualificados (5%), aos quais é preciso incluir uma maioria de aposentados e desempregados que constituem um quarto dos efetivos, é um elemento determinante desse movimento e é sua ação que o faz evoluir, fazendo-o portar reivindicações de classe. O que é mal conhecido é a proporção de assalariados que vivem da renda (impostos, despesas da renda de outras classes) e que não são submetidos ao capital (novas

¹⁶ Parece que os dois caminhoneiros eram independentes. A iniciadora da petição, mulher e negra, é microempreendedora, ou seja, a situação mais precária na hierarquia das formas jurídicas de empresa. Entre os oito messageiros que formaram uma primeira delegação recebida por François de Rugy, o ministro da ecologia, encontravam-se 2 microempreendedores (classe média não tradicional), 1 caminhoneiro sem dúvida independente, 1 pequeno empresário capitalista, 1 estudante com fibra de empreendedor, 2 proletários (garçonete, temporária), 1 classe média assalariada que procurou congregiar os motoristas.

¹⁷ Cabe ressaltar que o movimento começou na Ile de France [a região parisiense – NDR], um lugar em que se passa o maior tempo dentro dos veículos, não tanto por causa das distâncias, mas pelos engarrafamentos. Por outro lado, estudos mais precisos mostram que a mobilização percorre o que foi chamado pelos geógrafos de “diagonal do vazio”, territórios de baixa densidade populacional nos quais o declínio dos serviços públicos é particularmente pronunciado. Eles evidenciam, portanto, o agravamento do antagonismo entre a cidade e o campo.

¹⁸ “Segundo a RTL [*Radio Télé Luxembourg* – NDR], os serviços de informação do Ministério do Interior (ex-Informações Gerais) identificaram hoje os iniciadores do movimento batizado de Coletes Amarelos. Trata-se de oito moradores da região parisiense unidos por uma mesma paixão por encontros de carros.” (<https://www.ouest-france.fr/societe/gilets-jaunes/gilets-jaunes-les-services-de-renseignement-ont-identifie-les-initiateurs-du-mouvement-6073545>)

classes médias assalariadas¹⁹), assim como a parte dos trabalhadores independentes que emergem do desenvolvimento contraditório da produção capitalista.

Uma organização horizontal apoiada na democracia direta

Por outro lado, as redes sociais permitiram a libertação das representações de “corpos intermediários”, como os sindicatos, e colocaram o conjunto dos partidos à distância. Desse modo, depois da ocupação espontânea e local das rotatórias, e as primeiras manifestações do dia 17 de novembro, rapidamente adicionou-se a convocação recorrente de se manifestar a cada fim de semana no coração das grandes cidades e, especialmente, nas proximidades dos locais do poder e dos bairros chiques. Isso também deu um caráter inédito, que contrasta com as jornadas de ação sindicais e suas passeatas normalizadas, convocadas para dias de semana em percursos demarcados e longe dos lugares “sensíveis”, passeios há muito tempo esvaziados pela sua total impotência. Ao contrário, as manifestações dos sábados mobilizaram, pouco a pouco, novas vagas de proletários (com ou sem colete), notadamente originadas das periferias das grandes cidades. Todos esses fatores contribuíram para dar esta forma a um movimento que se confronta diretamente com a repressão do Estado e que atinge toda a França, fazendo imitadores no mundo.

¹⁹ Sobre a função dessas classes, cf. o anexo ao nosso livro: *Aux fondements des crises (Aos fundamentos das crises)*, disponível em nosso site (ainda não traduzido para o português).

2. O movimento comunista e os coletes amarelos

“As eleições em Paris²⁰ são menos um pressentimento do que o real começo de uma nova revolução. Está perfeitamente de acordo com o passado histórico da França que Cavaignac dê o nome e a insígnia à oposição contra Bonaparte, do mesmo modo que Odilon personificou-a contra Louis Phillipe. Entretanto, para o povo, Odilon Barrot e Cavaignac são apenas pretextos, mesmo se ambos são elementos sérios para a burguesia. O nome sob o qual se introduz uma revolução não é nunca o que ela carregará sobre suas bandeiras no dia do seu triunfo. Na sociedade moderna, para assegurar as chances de sucesso, os movimentos revolucionários são forçados a emprestar suas cores, desde o início, aos elementos do povo que, embora se opondo ao governo em vigor, vivem em total harmonia com a sociedade existente. Em uma palavra, as revoluções recebem seu bilhete de entrada para a cena oficial das próprias classes dominantes.” (Marx, *New York Daily Tribune*, 27 de julho de 1857)

Análises simplórias das classes

O movimento comunista dividiu-se entre os defensores de um aristocratismo indiferentista²¹ e os seguidores de um movimento no qual as contradições das classes são atenuadas²².

Aos que denigrem o movimento porque ele não marcha atrás da “bandeira do proletariado”, é bom lembrar que ele já obteve mais do que todas as mobilizações sindicais feitas supostamente sob aquela bandeira, que eram igualmente meios para sufocar as lutas proletárias e conduzi-las à derrota. Para denegrir o movimento, todos os argumentos foram empregados e não se cessou de desfilar toda a panóplia do “politicamente correto” (sexismo, racismo, discriminação contra homossexuais, alcoolismo, fumantes, poluidores, etc.)²³. A cereja do bolo foi a assimilação da violência com tudo isso que foi dito. Bastou, em seguida, extrapolar fatos reais enfatizando uma

²⁰ Referência às eleições à Câmara Legislativa no verão de 1857.

²¹ As referências que seguem estão em língua francesa.

http://pcint.org/40_pdf/01_Positions-pdf/01_01_fr-pdf/181122_gilets-jaunes.pdf

<http://www.igcl.org/Gilets-Jaunes-L-interclassisme-est>

(<http://fr.internationalism.org/content/9799/mouvement-des-gilets-jaunes-contre-attaques-bourgeoisie-proletariat-doit-riposter-facon>)

<http://fr.internationalism.org/content/9805/dossier-mouvement-des-gilets-jaunes>

<https://lefilrouge17.blogspot.com/2018/11/gilets-jaunes-ni-participation-ni.html#more>

<http://www.international-communist-party.org/Francais/Actualit/2018/GiletsJaunes.htm>

<http://mouvement-communiste.com/documents/MC/Leaflets/BLT1812FR%20vF.pdf>

<https://nuevocurso.org/que-son-los-chalecos-amarillos/>

Diante da evolução do movimento, muitas vezes as posições foram algo invertidas:

<http://www.igcl.org/Communique-du-GIGC-sur-la-revolte>

<http://www.igcl.org/Communique-sur-le-mouvement-des>

http://pcint.org/40_pdf/01_Positions-pdf/01_01_fr-pdf/181206_gilets-jaunes_drapeau-rouge.pdf

²² <http://grand-large.over-blog.com/2018/12/a-propos-des-gilets-jaunes.html>

<https://proletariatuniversel.blogspot.com/>

<http://spartacus1918.canalblog.com/archives/2018/12/12/36936423.html>

<https://www.matierevolution.fr/>

²³ Começando pelas respostas desdenhosamente emitidas pelo poder às primeiras reivindicações dos coletes amarelos. Assim, o deputado Ruffin, retomando um sentimento popular, podia ridicularizar: “Macron é Maria Antonieta: vocês não conseguem encher o tanque? Compre um novo automóvel. Não podem comprar diesel? Troquem sua caldeira de aquecimento!”

significação e uma tendência do movimento para justificar, sobretudo, não se envolver com ele, mas combatê-lo e reprimi-lo. Do mesmo modo que os pequeno-burgueses e burgueses democratas, várias seitas comunistas não fizeram senão mostrar todo o desprezo de classe de que são capazes²⁴.

É evidente que o movimento é interclassista e que o proletariado, embora fazendo valer suas próprias reivindicações, está a reboque da pequena-burguesia da qual ele constitui politicamente sua esquerda. O proletariado aí não existe como partido político independente, mas a maioria dos representantes do movimento comunista parece ignorar que esta situação perdura por mais de 90 anos. Por isso, conseqüentemente, esse período é caracterizado como período de contrarrevolução. Pode-se, certamente, ter o seguinte discurso: “Estamos ainda em um período de contrarrevolução. Podemos apenas comentar esse movimento e defender a teoria revolucionária para facilitar a reformalização do partido comunista de amanhã”. Ao mesmo tempo, esse partido não surgirá do nada, mas será produzido pela classe em luta. Essa própria luta inscreve-se em um processo. Como já nos explicamos sobre isso, acompanhamos muito atentamente, sem abandonarmos uma grande prudência, a evolução da luta das classes há muitos anos, pois é possível que novas perspectivas se abram ao proletariado. De qualquer maneira, não podemos senão acusar a atitude aristocrática que consiste em olhar esse movimento com luvas brancas e tampando o nariz. E voltamos à citação de Lenin destacada no início deste texto. Um partido comunista deveria intervir nesse movimento e contestar a direção pequeno-burguesa fazendo valer suas reivindicações e palavras de ordem.

Entretanto, a ausência durante muitas décadas do partido de classe não impediu o proletariado de conduzir uma ação política, portanto, uma luta de classe, fazendo pressão sobre o Estado e arrancando há mais de um século vantagens através de leis (saúde, escolaridade, tempo de trabalho, salário, ...), embora deixando que as classes dirigentes tirassem as maiores vantagens. Isso só pôde ser obtido ao preço de contestação permanente, à condição da renúncia do proletariado aos seus objetivos históricos, à sua inexistência como partido político organizado, independente e oposto a todos os demais partidos, condição indispensável para fazer triunfar seu programa histórico: a sociedade sem classes. Durante todo esse período, o proletariado não tem sido senão a extrema-esquerda da democracia.

²⁴ Uma menção particular ao CCI [*Corrente Comunista Internacional*, ver comentário ao final desta nota - NDR] que, como um bom filisteu moralizador, condena particularmente: a) a “sujeira moral” e os “eflúvios nauseabundos” do movimento (<https://fr.internationalism.org/content/9836/mouvement-des-gilets-jaunes-lapolitisme-danger-proletariat>); b) as práticas de “guerrilha urbana”, professando doutamente que certas formas de violência “são totalmente ineficazes e só podem contribuir para a escalada da violência, para o caos social (sic!) e para o reforço do Estado policial (sic!)” (https://fr.internationalism.org/files/fr/suppl_ri_473.pdf); c) “a ocupação da “mais bela avenida do mundo” seria principalmente a expressão desprezível de uma pequena-burguesia que “sonha em se elevar às camadas superiores da burguesia” e tem inveja da “vitrine de luxo capitalista”; d) a reivindicação da demissão de Macron, “simbolizando o desejo de ser o Califa no lugar do Califa”. (<https://fr.internationalism.org/content/9799/mouvement-des-gilets-jaunes-contre-attaques-bourgeoisie-proletariat-doit-riposter-facon>)

O CCI foi fundado em 1975 como um agrupamento no campo da ultra-esquerda. Baseando-se num luxemburguismo medíocre, defende a todo custo uma teoria da decadência inelutável de todo modo de produção e sustenta contra todas as evidências dos ciclos das crises do modo de produção capitalista que ele está em plena fase de decadência desde 1914 e, portanto, em uma crise permanente desde então. Para essa seita, esse fato justifica o imediatismo, o voluntarismo, o democratismo e o pacifismo (a condenação do terrorismo proletário faz parte de sua plataforma programática) de suas intervenções em não importa qual movimento social.

Se a ação do proletariado não depende da existência de nenhum partido, este tem como função generalizar e unificar o movimento espontâneo do proletariado. É somente no partido que ciência, consciência, vontade e instinto convergem para transformar a ação do proletariado em ação de classe consciente de seus objetivos históricos. Mas esse partido é uma criação da classe; ele ressurgirá através de um longo processo de lutas. Não será uma criação do nada, mas um produto da classe em luta que se inscreve por si mesma em um processo. É mesmo bastante interessante que o movimento dos coletes amarelos colocou à distância todos os partidos burgueses ou reformistas, inclusive os que jamais tinham governado. Isso mereceria ser enfatizado, mas houve-se do PCI²⁵, para quem o fetichismo do partido é bastante vívido, que todo “partido” é colocado de lado. Posto isso, condena o movimento logo em seguida porque ele agiria não só fora dos partidos hostis ao proletariado, como também, o que seria pior, fora do **Partido** Comunista Internacional. Parece que o PCI só poderia levar em consideração um movimento em que os proletários, com falta do programa comunista, viriam bater na porta do recinto do PCI para adquirir exemplares encalhados do “Proletário” amontoados no seu porão. A propósito, o movimento tende a constituir partidos²⁶, se bem que possamos pensar que ele foi aí também encorajado pelo poder para enfraquecer a extrema-direita e, em menor medida, a *France Insoumise*²⁷ (lista dos coletes amarelos para as eleições europeias). De todo modo, eles não superaram o quadro pequeno-burguês.

No entanto, é falacioso apresentar o movimento como o de “pequenos patrões” (subentendendo uma pequena-burguesia capitalista), como faz o PCI ou o CCI, ou ainda, afirmar como o “*Fil Rouge*”²⁸, de que se trata de um movimento das classes médias tradicionais arruinadas pelo desenvolvimento da produção capitalista, isto é, do que se observa das antigas classes médias (camponeses, artesãos, pequenos comerciantes). O marxismo as equipara igualmente sob a etiqueta de pequena-burguesia, na medida em que elas aspiram a se tornarem capitalistas e, igualmente, porque as fronteiras são porosas entre a pequena-burguesia capitalista que emprega pouco ou intermitentemente assalariados e a pequena-burguesia classe média que não emprega ou o faz ocasionalmente. Ao mesmo tempo, o que lhes dá um aspecto híbrido e instável, como também uma dimensão potencialmente revolucionária se elas adotam o ponto de vista do proletariado²⁹, essas classes médias antigas são regularmente precipitadas no proletariado pela ruína de sua atividade. Os testemunhos de um campesinato, por exemplo, arrasado por dívidas e submetido à queda dos preços de produção, vivendo com rendas bem inferiores ao salário mínimo, embora trabalhando o dobro do tempo, mostram isso de modo eloquente.

Contrariamente ao que diz o *Fil Rouge*, quanto ao declínio das antigas classes médias tradicionais, assistimos ao ressurgimento de uma classe média (trabalhador independente) sob o efeito das contradições do modo de produção capitalista nos países mais desenvolvidos e, em particular, na

²⁵ O Partido Comunista Internacional (*Partito Comunista Internazionale*), também um agrupamento da ultra-esquerda, é uma caricatura resultante da morte da Esquerda Comunista da Itália consumada na cisão de 1966 que reivindica a condição de ser o “único herdeiro” desta Esquerda. Afundando-se cada vez mais na contrarrevolução, abandonou há décadas qualquer veleidade de esforço teórico para a compreensão da realidade e degenerou-se no imediatismo e no oportunismo. Um resumo da trajetória da Esquerda Comunista da Itália pode ser encontrado no nosso texto *Quem é Robin Goodfellow?* (2014) no nosso site em português.

²⁶ Em outro nível, Jacline Mouraud, uma das figuras dos coletes amarelos, anunciou a criação de um partido.

²⁷ *França Insubmissa*: agrupamento ou partido de esquerda.

²⁸ *Fil Rouge* (Fio Vermelho): agrupamento que se posiciona na tradição da esquerda comunista da Itália.

²⁹ “Quando se tornam revolucionárias, isto se dá em consequência de sua iminente passagem para o proletariado; não defendem então seus interesses atuais, mas seus interesses futuros; abandonam seu próprio ponto de vista para se colocar no do proletariado.” (Marx e Engels: *Manifesto do Partido Comunista*. Boitempo, p.49)

França³⁰. O desenvolvimento de pequenas e de microempresas, e o reconhecimento do fato de que elas contribuem para a criação de empregos, deve ser visto como uma das modalidades do declínio relativo do capitalismo francês no mercado mundial. Essas empresas, por diversas razões que não iremos desenvolver aqui, dispõem de menos valor agregado por pessoa do que as grandes empresas. Isso é simultaneamente o sinal e a modalidade de um enfraquecimento relativo dos países capitalistas mais desenvolvidos. Os estatutos jurídicos, mas precários como a de microempreendedor (autoempreendedor), permitem contornar as leis sociais próprias do salariado e tornam possível o que é o lote de muitos camponeses: trabalhar muito para ganhar muito pouco. Kautsky e depois Lenin, que o retomou, já havia colocado em evidência que muitas profissões independentes eram apenas uma tentativa desesperada para escapar do exército industrial de reserva. O mesmo acontece hoje para muitos atores que têm posições sociais que não são senão a antecâmara ou o cais de saída do Polo de Emprego, quando não são aí obrigados por certas empresas para poderem trabalhar com elas³¹. Os fenômenos conhecidos como “uberização” (mas como mostra o exemplo da Telefonica, que tratamos no nosso blog³², não se trata unicamente de casos ligados às novas tecnologias de informação³³) e as lutas em retorno que elas provocam (por exemplo, os mensageiros de Deliveroo, os protestos de taxistas contra a concorrência desleal, os motoristas do Uber sobre os preços das corridas, etc.) decorrem da modernização das formas conhecidas no passado como tarefeiros, trabalho a domicílio, o semiproletariado. Boa parte dessas classes médias forçosamente não sonha senão com uma coisa: tornar-se proletário! Na oscilação entre a burguesia e o proletariado elas pendem facilmente para o proletariado. Em todo caso, o marxismo nunca tratou essas classes (inclusive a pequena-burguesia capitalista) como se elas formassem uma massa reacionária com a burguesia contra o proletariado.

Ninguém negará que o movimento seja interclassista e sob o domínio de uma ideologia burguesa ou das classes médias. As ideias dominantes são as ideias da classe dominante. Mas não apenas qual grande movimento, mas também qual revolução não foi interclassista? A Comuna de Paris não foi perpassada pelo patriotismo e as reminiscências da Revolução francesa? No interior do conselho da Comuna, os operários propriamente ditos eram minoritários e os internacionais eram uma convivência de blanquistas com jacobinos. Isso impediu Marx dizer que se tratava essencialmente de um governo operário? Engels não viu aí uma realização da ditadura do proletariado?

Na Rússia revolucionária, o soviete de Petrogrado acolhia por iniciativa dos bolcheviques representantes dos soldados que na sua grande maioria eram camponeses, isto é, pequeno-burgueses (classe média antiga). O soviete de Petrogrado dava direito de assentos no comitê aos

³⁰ No seu último número, o INSEE distingue no seio dos trabalhadores não-assalariados (3,2 milhões de pessoas) as profissões não-agrícolas (2,8 milhões). Os microempreendedores representam 31% destas últimas. Os 1,9 milhões de não assalariados clássicos se repartem em 43% de administradores majoritários de empresas e 57% de empreendedores individuais. O crescimento global de efetivos decorre dos microempreendedores cujo rendimento médio mensal é de 450 €.

³¹ “Cada vez mais os organismos de formação requerem que os seus destinatários sejam autoempreendedores.” (Testemunho citado pelo Le Monde de 31/1/2019)

“Cada vez mais os trabalhos subcontratados são delegados aos autoempreendedores que se encontram no final da cadeia e ganham menos. É todo um artesanato que se pauperiza.” (Alain Griset, Presidente da União das empresas de proximidade, citado pelo Le Monde de 31/1/2019)

³² <https://defensedumarxisme.wordpress.com/2015/09/11/telefonica-un-bilan-de-la-greve/> - Um balanço da greve na Telefonica em 2015 (em francês).

³³ No Reino Unido, depois da crise de 2008, o número de autoempreendedores passou de 3,5 a 4,8 milhões de pessoas. Cerca da metade dos trabalhadores do BTP (*British Transport Police* – Polícia do Transporte Britânico – NDR) têm essa condição. A eles se juntam um milhão de pessoas com contrato de zero-horas e 800.000 temporários. (Le Monde, 31/01/2019)

representantes dos diversos partidos (mencheviques, socialistas-revolucionários, bolcheviques, ...). O governo que emerge da revolução de Outubro é um governo operário e camponês. Muito mais que isso, para chegar ao poder o partido bolchevique retomou o programa agrário da pequena-burguesia; esta (os partidos que a representavam³⁴) mostrou-se incapaz de se separar da burguesia e de aplicar seu programa. Ao mesmo tempo, Lenin não parou de exortar a diferenciação das classes e a independência do proletariado. Ele encorajou os operários agrícolas a formar sindicatos, a constituir sovietes independentes ou, caso a primeira opção não fosse possível, pelo menos estabeleceu no interior dos sovietes de camponeses formas de organização que lhes são próprias; idem para os semiproletários (camponeses pobres parcialmente assalariados)³⁵. Ele reivindica modificações na nomeação de deputados para dar mais peso aos representantes do proletariado.

Sobre o atraso do movimento

Não se pode negar que houve no movimento, e ainda há, expressões que mostram o atraso de alguns de seus componentes. Uma vez que elas atravessam a sociedade, elas também atravessam os coletes amarelos, mas podem-se observar muitos casos inversos como, por exemplo, o papel das mulheres na direção e na iniciativa do movimento – foi particularmente uma mulher (além de tudo negra) que lançou a petição contra a alta das taxas sobre os combustíveis.

O antissemitismo, por exemplo, foi um componente permanente da revolução russa (inclusive no partido bolchevique) e em um nível objetivamente maior³⁶ do que pode circular na França do

³⁴ Somente a ala esquerda dos socialistas-revolucionários (o partido pequeno-burguês) se separará e compartilhará o poder com os bolcheviques, mostrando muito claramente que o governo era realmente operário e camponês.

³⁵ “É preciso vincular à propaganda em favor da criação de sovietes de deputados dos assalariados agrícolas a reivindicação de tomar imediatamente a terra. A revolução democrática e burguesa está acabada. O programa agrário deve ser aplicado de uma nova maneira. (...)”

A tarefa dos marxistas é a de explicar claramente aos camponeses o programa agrário, cujo centro de gravidade deve ser deslocado para os sovietes de deputados dos assalariados agrícolas. Se for o caso, devemos estar preparados para ver o campesinato unir-se em bloco com a burguesia em vez do soviete dos deputados e soldados.” (Lenin, *A conferência da cidade de Petrogrado do POSDR (b)*, abril de 1917, Obras completas, T. 24)

“Sem procurar efetuar imediata e obrigatoriamente a cisão nos sovietes dos deputados camponeses, o partido o proletariado deve dedicar-se a demonstrar a necessidade de sovietes distintos de deputados de assalariados agrícolas, assim como de sovietes distintos de deputados de camponeses pobres (semiproletários), ou pelo menos a realizar conferências permanentes agrupando os deputados destas categorias sociais, sob a forma de frações ou de partidos distintos no interior dos sovietes comuns de deputados camponeses.” (Lenin, *As tarefas do proletariado em nossa revolução*, abril de 1917. Obras completas, T. 24)

“Para que os camponeses ricos – que também são capitalistas – não possam lesar e enganar os assalariados agrícolas e os camponeses pobres, estes devem se unir, agruparem-se à parte, ou mesmo formar seus próprios sovietes de deputados dos assalariados agrícolas.” (Lenin, *Discurso aos soldados do regimento Izmailovskij*, abril de 1917. Obras completas, T. 24)

“Os operários agrícolas e os camponeses pobres, isto é, aqueles que não possuem terra suficiente, gado ou material, obtendo parcialmente seu meio de subsistência de um trabalho assalariado, devem reunir todas as suas forças para se organizarem em sovietes independentes ou em grupos distintos no interior dos sovietes comuns de camponeses, a fim de defenderem seus interesses contra os camponeses ricos, que forçosamente tendem a se unir aos capitalistas e aos grandes proprietários fundiários.” (Lenin, *Projeto de resolução sobre a questão agrária – Primeiro congresso dos deputados camponeses da Rússia*, maio de 1917. Obras completas, T. 24)

³⁶ Entretanto, sua virulência aumentou em muito com o desenvolvimento de um islam político que encontra um terreno fértil favorável nas novas gerações oriundas da imigração particularmente do Magreb,

século XXI no interior dos coletes amarelos. Se hoje ele ainda faz parte do “socialismo dos imbecis” (o que assimila o judeu à finança, ao banco, à bolsa), do qual falava Bebel, ele também está em estreita relação com uma crítica ambígua do sionismo (do que se aproveitam alguns para assimilar toda crítica do sionismo ao antissemitismo³⁷).

Nas suas memórias, Kerensky, quando fugia da revolução de Outubro, conta que viu num muro esta inscrição: “Abaixo o judeu Kerensky; Viva Trotsky”. Toda a ambiguidade e o paradoxo desse antissemitismo encontra aí uma de suas expressões. O mesmo Trotsky destacava o fato de ser judeu para recusar o comissariado do povo no interior e terá que batalhar contra o antissemitismo no exército vermelho. Ao mesmo tempo, devido à super-representação dos judeus no movimento comunista, a vitória do bolchevismo cristalizará no interior das forças contrarrevolucionárias uma forma particular de antissemitismo, fórmula invocada para desempenhar um papel fundamental, mas que é em parte ocultado nos dias de hoje. A assimilação do comunismo e do judeu, desenvolvida pelos russos brancos, será igualmente retomada pela ideologia nazista³⁸, ao mesmo tempo em que ela incentivará a ala mais perspicaz da

“para quem o judeu encarna negativamente o complô permanente e o “dois pesos, duas medidas”, [e cujo antissemitismo] vai bem mais longe do que o preconceito “judeófobo” de seus pais.” (Smaïn Laarcher, *Le Monde*, 21/01/2016)

³⁷ Estas linhas já estavam escritas quando uma nova ofensiva contra a liberdade de expressão conduzida por Macron em pessoa e sustentada por várias organizações sionistas, como também pela extrema-direita (por exemplo, G. Collard), que veem aí uma arma suplementar para culpar as populações de confissão muçulmana especialmente por penalizarem o antissionismo assimilando-o ao antissemitismo. Para caluniar o movimento dos coletes amarelos, o poder está aberto a todas as iniciativas entre as quais a que consiste em penalizar toda crítica à política de Israel. Tal violação da liberdade de expressão, que tem por objetivo imediato colocar um fim no movimento dos coletes amarelos, é erigida igualmente para amplificar o comunitarismo e favorecer o antissemitismo ao reavivar a guerra das memórias. No seu próprio movimento a democracia transforma-se em sua negação, para deixar aparecer a ditadura sem o fardo da burguesia. Como todos os movimentos que deificam o poder da burguesia, eis aí os coletes amarelos carregados de opróbio.

Trotsky sempre recordava qual era a posição do proletariado diante dessas tentativas. O que ele diz aqui a propósito da liberdade de imprensa vale para as outras liberdades.

“A teoria e a experiência históricas atestam do mesmo modo que toda restrição à democracia é, em última análise, dirigida contra o proletariado, do mesmo modo que todo imposto recai sobre os trabalhadores. A democracia não tem valor para o proletariado a não ser na medida em que permite o desenvolvimento da luta das classes. Consequentemente, um dirigente da classe operária que mune o Estado burguês com armas excepcionais de controle sobre a opinião pública em geral é muito precisamente um traidor. Em última análise, com o agravamento da luta das classes, os burgueses de todos os matizes acabarão chegando a um acordo entre eles e dirigirão contra a classe operária todas as leis de exceção, todas as resoluções restritivas, todos os tipos de censura “democrática”. Aquele que hoje não compreende isso deve sair das fileiras da classe operária. (...)

(...) Somente os cegos e imbecis podem pensar que os operários e camponeses poderão se libertar da influência das ideias reacionárias por meio da interdição da imprensa reacionária. Na realidade, somente a maior liberdade de expressão, de imprensa e de reunião pode criar as condições favoráveis para o avanço do movimento revolucionário da classe operária.

A luta irreconciliável contra a imprensa reacionária é um imperativo. Mas os operários não podem permitir que o punho repressivo do Estado burguês substitua sua luta, que deve ser levada na sua própria imprensa e através de suas próprias organizações. (...)

O melhor meio de lutar contra a imprensa burguesa é desenvolver a imprensa operária.” (Trotsky, *A liberdade de imprensa e a classe operária*, 21 de agosto de 1938)

³⁸ Extratos de Adolf Hitler – *Minha Luta*. <https://stan88.files.wordpress.com/2008/04/minha-luta.pdf>

“Só o conhecimento dos judeus ofereceu-me a chave para a compreensão dos propósitos íntimos e, por isso, reais da social-democracia. Quem conhece este povo vê cair-se-lhe dos olhos o véu que impedia descobrir as concepções falsas sobre a finalidade e o sentido deste partido e, do nevoeiro do palavreado de sua propaganda, de dentes arreganhados, vê aparecer a caricatura do marxismo.” (p. 30)

burguesia internacional³⁹ (inclusive, à sua maneira, os nazistas⁴⁰) para favorecer o sionismo a fim de dar uma base nacional e nacionalista às aspirações do proletariado judeu. A vitória do

“Agora que me tinha assegurado de que os judeus eram os líderes da social-democracia, comecei a ver tudo claro.” (p. 35)

“Vencendo a minha relutância, tentei ler essa espécie de imprensa marxista, mas a repulsa por ela crescia cada vez mais. Esforcei-me por conhecer mais de perto os autores dessa maroteira e verifiquei que, a começar pelos editores, todos eram judeus.

Examinei todos os panfletos sociais-democráticos que pude conseguir e, invariavelmente, cheguei à mesma conclusão: todos os editores eram judeus.” (p. 36)

“Se o judeu, com o auxílio do seu credo marxista, conquistar as nações do mundo, a sua coroa de vitórias será a coroa mortuária da raça humana e, então, o planeta vazio de homens, mais uma vez, como há milhões de anos, errará pelo éter.” (p. 40)

“O marxismo, cuja finalidade última é e será sempre a destruição de todas as nacionalidades não judaicas, teve de verificar com espanto que, nos dias de julho de 1914, os trabalhadores alemães, já por eles conquistados, despertaram, e cada dia com mais ardor se apresentavam ao serviço da pátria.” (p. 93)

“Comecei a aprender e compreender, só agora, o sentido e a finalidade da obra do judeu Karl Marx. Só agora compreendi bem seu livro - "O Capital" - assim como a luta da socialdemocracia contra a economia nacional, luta essa que tem em mira preparar o terreno para o domínio da verdadeira alta finança internacional.” (p. 116)

“O exemplo mais terrível nesse gênero é apresentado pela Rússia, onde o judeu, com uma ferocidade verdadeiramente fanática, trucidou cerca de trinta milhões, alguns por meio de torturas desumanas, outros pela fome, e tudo isso com o fito de assegurar a um lote de literatos judeus e bandidos da Bolsa o domínio sobre um grande povo.” (p. 172-173)

“O marxismo aparece como a tentativa dos judeus para enfraquecer, em todas as manifestações da vida humana, o princípio da personalidade e substituí-lo pelo prestígio das massas.” (p. 226)

“O verdadeiro organizador da Revolução e seu manipulador efetivo, o judeu internacional, tinha calculado bem a situação. O povo alemão ainda não estava bastante amadurecido para ser afogado no mar de sangue do bolchevismo, como aconteceu na Rússia.” (p. 265)

“A ameaça a que a Rússia sucumbiu, pende perpetuamente sobre a Alemanha. Somente o burguês ingênuo é capaz de imaginar que o perigo bolchevista esteja afastado. Na sua maneira superficial de pensar, ele não tem a menor ideia de que se trata, aqui, de um processo instintivo, isto é, de um esforço pelo domínio da terra da parte do povo judeu, de um processo que é tão natural como o instinto do anglo-saxão de apropriar-se deste mundo. E assim como o anglo-saxão segue esse caminho a seu modo e luta com as suas armas, assim também o judeu. (...) Devemos enxergar no bolchevismo russo a tentativa do judaísmo, no século vinte, de apoderar-se do domínio do mundo, justamente da mesma maneira por que, em outros períodos da história, ele procurou, por outros meios, embora intimamente parecidos, atingir os mesmos objetivos.” (p. 334)

³⁹ “Em violenta oposição a todo esforço desta esfera de judeus [os denominados judeus “nacionais” – NDR], elevaram-se os planos dos Judeus Internacionais. Os partidários dessa sinistra confederação são, sobretudo, homens que surgiram entre as mais infelizes populações dos países onde os judeus eram perseguidos por causa da sua raça. A maioria, se não todos eles, renegaram a religião dos seus antepassados e divorciaram-se nas suas mentes da esperança espiritual da outra vida.

Este movimento entre os judeus não é novo. Desde os tempos de Spartacus-Weishaupt, Karl Marx, Trotsky (Rússia), Bela Kun (Hungria), Rosa Luxemburgo (Alemanha) e Emma Goldman (Estados Unidos), esta conspiração universal para derrubar a civilização e para a reconstituição da sociedade na base da regressão do desenvolvimento, da malevolência invejosa e igualdade impossível, foi crescendo continuamente.

Como uma moderna escritora a Sra. Webster mostrou habilmente, ele representou um papel claramente reconhecível na tragédia da Revolução Francesa. Constituiu o motivo principal de todos os movimentos subversivos durante o século XIX; e agora, por fim, este grupo de personalidades extraordinárias do submundo das grandes cidades da Europa e da América agarrou o povo russo pelos cabelos e tornaram-se praticamente os senhores indiscutíveis desse império enorme.

Não é necessário exagerar o papel que estes judeus internacionais e na maior parte ateus desempenharam na criação do Bolchevismo e na execução da Revolução Russa. Foi certamente muito importante e o que pesou mais do que todos os outros. Com a exceção notável de Lenin, a maioria das mais destacadas

sionismo e a perda consequente das forças judaicas para o movimento comunista são um dos aspectos da contrarrevolução.

Enfim, qualquer que seja o papel da extrema-direita e da ultradireita, elas também colocadas em evidência para desacreditar o movimento e para polarizar as próximas eleições, intervir no movimento é mais uma razão para não deixá-lo sob suas influências. Segundo os observadores, os abstencionistas estão bastantes presentes e eles estão além dos partidos, seja a *France Insoumise* ou o *Rassemblement National*⁴¹, os quais puxaram o freio para acalmar o movimento esperando capitalizar nas urnas por ocasião das eleições europeias.

Naturalmente, ninguém verá na presença das bandeiras tricolores o signo de uma luta exemplar. Nacionalismo dos estádios para uns e, sobretudo com outros símbolos, uma referência à Revolução francesa para a maioria, ele confina da melhor maneira o movimento no quadro do socialismo burguês⁴² ou pequeno-burguês. E, embora o movimento tenha feito emuladores no

figuras é judia. Mais ainda, a inspiração principal e impulsionadora veio de líderes judeus. Portanto, Tchitcherin, um russo autêntico, foi ultrapassado pelo seu subordinado nominal Litvinov, e a influência de russos como Bukarine ou Lunacharski não pode ser comparada com o poder de Trotsky, ou de Zinoviev, o ditador da Cidadela vermelha (Petrogrado), ou por Krasin ou Radek – todos judeus. Nas instituições soviéticas a predominância de judeus é ainda mais surpreendente. E a proeminente, senão mesmo a principal parte no sistema de terrorismo aplicado pelas Comissões Extraordinárias para combater a contrarrevolução foi ocupada por judeus e em casos excepcionais por judias. A mesma proeminência diabólica foi obtida por judeus no breve período de terror em que Bela Kun governou a Hungria. O mesmo fenômeno aconteceu na Alemanha (especialmente na Bavária), na medida em que esta loucura foi permitida devido à prostração temporária do povo alemão. Embora em todos estes países existam muitos não judeus tão maus ou piores que os revolucionários judeus, o papel desempenhado por estes últimos proporcionalmente ao seu número na população é impressionante.

(...) O fato de que em muitos casos os interesses judeus e os lugares santos judeus terem sido deixados em paz pelos bolcheviques na sua hostilidade universal tende cada vez mais a associar a raça judia às atrocidades que estão agora sendo perpetradas. (...)

O sionismo oferece a terceira via para as concepções políticas de uma raça judia. Em violento contraste com o comunismo internacional, ele apresenta ao judeu uma ideia nacional de um caráter de comando. (...) O sionismo já se tornou um fator de convulsão política da Rússia, como um competidor poderoso e influente nos círculos bolcheviques com o sistema comunista internacional. Nada poderia ter mais significado do que a fúria com que Trotsky atacou os sionistas em geral e o Dr. Weissmann em particular. A cruel penetração no seu espírito não lhe deixa qualquer dúvida que os seus planos de um Estado comunista mundial sob a dominação judia são diretamente frustrados e impedidos por este novo ideal, que dirige as energias e as esperanças dos judeus em cada país para um objetivo mais simples, mais verdadeiro e muito mais fácil de alcançar. A luta que está agora começando entre o sionismo e os judeus bolcheviques é nada mais do que uma luta pela alma do povo judeu.” (Winston Churchill, *Sionismo versus Bolchevismo - Uma batalha pela alma do Povo Judeu*. Illustrated Sunday Herald, 8/2/1920)

⁴⁰ Cf. O acordo de transferência (Haavara). https://pt.wikipedia.org/wiki/Acordo_Haavara#cite_note-1

⁴¹ *Agrupamento Nacional* – denominado Frente Nacional até junho de 2018 – é um partido da extrema-direita presidido por Marine Le Pen.

⁴² “Por outro lado, evidencia-se igualmente a tolice dos socialistas (notadamente dos franceses, que querem provar que o socialismo é a realização das ideias da sociedade burguesa expressas pela Revolução Francesa), que demonstram que a troca, o valor de troca etc. são originalmente (no tempo) ou de acordo com o seu conceito (em sua forma adequada) um sistema da liberdade e igualdade de todos, mas que têm sido deturpados pelo dinheiro, pelo capital, etc. Ou ainda, que a história só fez até o momento tentativas malsucedidas de realizá-las de um modo correspondente à sua verdade, e agora os socialistas, como Proudhon, por exemplo, descobriram o verdadeiro Jacob, com o que deve ser providenciada a genuína história dessas relações, em lugar de sua falsa história.” (Marx: *Manuscritos de 1857-1858, Grundrisse*. Boitempo, p. 191)

mundo, ele jamais se deu ao trabalho de esboçar uma unidade internacional⁴³. Agora, é absurdo opor-lhe como símbolo de “pureza” o emblema da bandeira vermelha, quando todos os símbolos, assim como o vocabulário, do movimento comunista passaram para a contrarrevolução. Quanto aos que consideram o movimento, eles se põem a falar em nome do “povo”, enquanto outros sonham em fazer com que as classes desapareçam ou, de outro modo, nos dizem que é preciso falar com várias classes simultaneamente. Em suma, recaí-se rapidamente no socialismo pequeno-burguês.

Sobre a revolução permanente

Sempre existe uma defasagem entre a vontade (a dinâmica do movimento) e a consciência. O movimento é complexo, multiforme, interclassista, atravessado de contradições. Ele evolui, sob influência do proletariado, para reivindicações ligadas ao poder de compra (expressão que abre a possibilidade de uma aliança interclassista) e através de reivindicações de democracia direta, cujo referendo de iniciativa cidadã ou popular visa uma ação política que ataca o executivo⁴⁴ e potencialmente pode ir bem além disto. Para os coletes amarelos, a democracia representativa da república burguesa está desacreditada, a tal ponto que eles mesmos não querem representantes. O movimento exige uma democracia direta capaz de lhes permitir colocar questões. Voltaremos sobre este ponto.

Para o marxismo a revolução inscreve-se em um processo necessário. Para chegar em 1793 foi preciso passar por 1789, para chegar a Outubro foi necessário Fevereiro. Essa análise, isto é, a estratégia da revolução permanente, não diz respeito unicamente à revolução burguesa antifeudal, mas também à república democrática. Trata-se sempre de forçar a democracia até o fim, fazê-lo de tal modo que os obstáculos ao enfrentamento entre o proletariado e o capital sejam aplainados o mais possível, de modo a fazer emergir em toda sua nudez a relação de exploração, a relação entre o capital e o trabalho. Para que chegue a vez do partido proletário, é necessário que todos os outros partidos tenham se esgotado no poder ou desconsiderados ao mostrarem-se incapazes de tratar as questões colocadas pelo processo revolucionário⁴⁵.

⁴³ Entretanto, foram vistos manifestantes estrangeiros (belgas, por exemplo) que vieram manifestar-se espontaneamente na França.

⁴⁴ Muito cedo o movimento teve como palavra de ordem: “Macron, demissão”. A exigência de referendo deve ser compreendida como uma etapa no processo de sua destituição.

⁴⁵ “Caso os trabalhadores alemães não consigam chegar ao poder e à concretização dos interesses de sua classe sem passar por todo um longo processo revolucionário, desta vez eles ao menos têm a convicção de que o primeiro ato desse espetáculo revolucionário iminente coincide com a vitória direta de sua própria classe na França e é acelerado por esta.

Porém, eles próprios terão de realizar o principal para lograr a vitória final, mais precisamente, obtendo clareza sobre os interesses de sua classe, assumindo o mais depressa possível um posicionamento partidário autônomo, não se deixando demover em nenhum momento da organização independente do partido do proletariado pelo fraseado hipócrita dos pequeno-burgueses democráticos. Seu grito de guerra deve ser: A “revolução em permanência”.” (Marx. *Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas*, março de 1850. In: Marx e Engels. *Lutas de classes na Alemanha*. Boitempo, p. 74-75)

“No último debate sobre “a posição do proletariado alemão na próxima revolução”, os membros da minoria no Comitê Central expressaram pontos de vista que se chocavam diretamente com os da última circular, à exceção de um, e mesmo com o Manifesto. A visão universal do Manifesto foi substituída pelo ponto de vista nacional alemão e os sentimentos nacionais dos artesãos alemães foram favorecidos. O ponto de vista materialista do Manifesto deu lugar ao idealismo. A revolução não é vista como o produto das realidades da situação, mas como o resultado de um esforço da vontade. Ao passo que dizemos aos operários: vocês têm que atravessar 15, 20, 50 anos de guerra civil para mudar a situação e para se treinarem para o exercício do poder, lhes dizem: devemos tomar agora o poder ou então ir dormir. Assim

Eixos de intervenção

Nos eixos de reivindicação e de propaganda podemos destacar:

- Apoio às vítimas das violências policiais;
- Anistia para os condenados;
- Reivindicação da supressão das leis que limitam a liberdade de expressão e impedem a liberdade de manifestação;
- Supressão de todos os impostos indiretos; imposto proporcional sobre a renda.
- Supressão da herança além de certo patamar.

Devemos recordar alguns pontos de sempre do programa comunista que encontram eco no movimento imediato:

- Reconciliação da cidade e do campo; harmonização da população sobre o território; destruição das grandes cidades, etc.;
- Aprofundamento da democracia;
- Necessidade da autonomia do proletariado, do partido político de classe, da conquista do poder político e de um governo proletário, ditadura revolucionária do proletariado.

como os democratas abusam da palavra “povo”, agora a palavra “proletariado” tem sido usada como uma mera frase. Para tornar essa frase efetiva seria necessário descrever todos os pequeno-burgueses como proletários e, por conseguinte, representar concretamente os pequeno-burgueses e não os proletários. O processo revolucionário real foi substituído por frases sobre a revolução.” (Marx, Intervenção de Marx na *Reunião do Comitê Central da Liga dos Comunistas de 15 de setembro de 1850*. Marx e Engels, *Collected Works*, T. 10, p. 626)

“Uma revolução é um longo processo: cf. 1642-1646 e 1789-1793; e para que as condições estejam maduras para nós e nós para elas, é preciso ainda que todos os partidos intermediários cheguem um após o outro ao poder e se destruam. E é então que chega a nossa vez – e mesmo então pode ser que sejamos momentaneamente derrotados mais uma vez.” (Engels, *Carta a E. Bernstein de 12-13 de junho de 1883*)

3. Anexo: A propósito da “massa reacionária”

Marx e Engels criticaram regularmente a tese de Lassalle sobre o fato de que as diferentes frações da burguesia, até mesmo o conjunto das outras classes, formam diante do proletariado uma única e mesma “massa reacionária”. Esta última noção foi julgada incorreta, salvo no último momento do afrontamento revolucionário, quando a emergência do partido do proletariado coloca diante de si a unificação de todas as frações das classes dominantes. Mas isso não ocorre senão no último momento, ao ponto de Marx e Engels verem aí um índice seguro de que a luta entrou na sua fase decisiva.

Em várias ocasiões, Marx e Engels enfatizam que essa fórmula é *historicamente* falsa, pois em vários exemplos históricos que já relembramos, seja na Alemanha, na Inglaterra ou na França (por exemplo, na França de 1871 a 1878), os partidos burgueses realizaram um número significativo de reformas.

Apenas no último momento e em circunstâncias particulares, no momento da revolução⁴⁶, ou seja, quando o partido do proletariado se torna uma ameaça efetiva, é que a cristalização de todas as frações da burguesia contra o proletariado⁴⁷ pode ser vista como uma massa reacionária⁴⁸. Ainda que essa fórmula possa mesmo ser *absolutamente* falsa⁴⁹, como por exemplo na Inglaterra, onde “essa tendência não se tornará absolutamente *já* um fato realizado. Quando o assalto ocorrer aqui, a burguesia estará sempre pronta para toda sorte de reformas de detalhes.”⁵⁰

⁴⁶ Agora é preciso parar de recitar a frase cômoda da “massa reacionária” (que só está correta no momento efetivo da revolução).” (Engels, *Carta a E. Bernstein de 12-13 de junho de 1883*)

⁴⁷ Assim, Marx constata que: “Durante o mês de junho, todas as classes e todos os partidos se uniram no *Partido da Ordem* contra a classe proletária, considerada o *partido da anarquia*, do socialismo, do comunismo.” (Marx, *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. Boitempo, p. 36)

⁴⁸ “Começa-se a aceitar a frase lassaleana pomposa, mas historicamente falsa, segundo a qual: diante da classe operária, todas as outras classes formam uma única massa reacionária. Essa fórmula não é verdadeira a não ser em casos excepcionais: em uma revolução do proletariado – a Comuna, por exemplo – ou em um país onde não apenas a burguesia imprimiu sua imagem no Estado e na sociedade, mas onde, de sua parte, a pequena-burguesia democrática completou sua transformação até suas últimas consequências.” (Engels, *Carta a August Bebel de 18-28 de março de 1875*)

“Ela é falsa [a concepção que repousa sobre uma “massa reacionária” - NDR], pois exprime como um *fato realizado* o que não é senão uma *tendência histórica* correta somente enquanto tal. No momento em que surge a revolução socialista, todos os outros partidos *aparecerão* diante de nós como uma única massa reacionária.” (Engels, *Carta a Kautsky de 14 de outubro de 1891*)

“Então vocês retornarão mais fortes [depois de novas eleições após a dissolução da Assembleia provocada pela oposição socialista – NDR], numérica e moralmente; isto poderá levar à formação da “grande massa reacionária” de Lassalle, coalizão de todos os partidos burgueses contra o socialismo, massa que se forma sempre no momento do perigo para, em seguida, dissolver-se novamente em seus grupos de interesses diversos e opostos uns aos outros: grande propriedade fundiária, grande indústria, alta finança, pequena e média burguesias, camponeses, etc. Mas, a cada vez que ela se forma de novo, ela ganha em solidez até o dia da crise, no qual teremos uma massa compacta diante de nós. Tivemos na Alemanha desde que nosso partido contou com mais de 20 membros no Reichstag esse processo de concentração e de dissolução contínuas; mas, com vocês, isto acontecerá mais rápido, porque o poder decisivo está na vossa câmara dos deputados.” (Engels, *Carta a Lafargue de 22 de janeiro de 1895*)

⁴⁹ “Sendo uma fórmula de agitação perfeitamente unilateral, ela é totalmente falsa na forma apodítica absoluta que só a ecoa de modo eficaz.” (Engels, *Carta a Kautsky de 14 de outubro de 1891*)

⁵⁰ Engels, *Carta a Kautsky de 14 de outubro de 1891*.

Quando se forma a coalizão das forças antagônicas ao proletariado, ela é, portanto, ao mesmo tempo o sinal que o confronto decisivo está a ponto de se produzir. Contrariamente, se a tese da “massa reacionária” fosse correta, isso significaria que chegou a hora do partido do proletariado⁵¹. O processo da revolução permanente não teria necessidade de se desdobrar, bastaria prever um assalto direto e imediato para conquistar o poder político.

Essa análise é ainda mais estúpida quando se inclui as classes médias na massa reacionária. Este é o meio mais seguro de isolar o proletariado, o que seria uma catástrofe especialmente nas nações onde o campesinato é a classe mais numerosa⁵² e, certamente, nos dias de hoje, depois que a classe média assalariada cresceu de maneira significativa, ao passo que o proletariado se divide facilmente em diversas categorias segundo a nacionalidade, o sexo, a qualificação, o cargo, o nível dos salários, o lugar no processo de produção, etc., que são tanto obstáculos à sua unidade como à afirmação de sua consciência de classe. Entre as forças não proletárias, as classes médias (sejam elas antigas ou modernas) têm forçosamente um papel ambivalente, podendo ser atraídas alternadamente por um dos polos opostos e aderindo geralmente àquele que se mostra mais forte. Diante dessas classes, o proletariado deve então conduzir uma política que facilite a adesão delas à revolução e não a de tratá-las de maneira indiferenciada⁵³. Nessa tarefa é igualmente um

⁵¹ “O corolário de toda a concepção que repousa sobre a “massa reacionária” é que se as condições atuais estivessem alteradas, nós chegaríamos imediatamente ao poder. Isso é um absurdo.” (Engels, *Carta a E. Bernstein de 12-13 de junho de 1883*)

“Enquanto não estivermos fortes o bastante para tomar as rédeas do poder pelas mãos e para aplicar nossos princípios, não é o caso – rigorosamente falando – de se ter uma massa reacionária diante de nós. Senão, toda a nação se dividiria em uma maioria de reacionários e uma minoria de impotentes.” (Engels, *Carta a Kautsky de 14 de outubro de 1891*)

⁵² Em 1875, Marx critica o programa resultante da unificação entre os lassallianos e o partido operário social-democrata. Engels fará o mesmo e retomará a questão no momento do programa de Erfurt (1891), que deixou aparecer reminiscências lassallianas.

“No *Manifesto comunista* diz-se: “De todas as classes que hoje em dia se opõem à burguesia, só o proletariado é uma classe verdadeiramente revolucionária. As outras classes degeneram e perecem com o desenvolvimento da grande indústria; o proletariado, pelo contrário, é seu produto mais autêntico.”

A burguesia é concebida aqui como classe revolucionária – como portadora da grande indústria – em face da aristocracia feudal e das classes médias [Mittelständen], que desejam conservar todas as posições sociais criadas por modos de produção ultrapassados. Elas não formam, portanto, juntamente com a burguesia, uma só massa reacionária.

Por outro lado, o proletariado é revolucionário diante da burguesia, porque, sendo ele mesmo fruto do solo da grande indústria, busca eliminar da produção seu caráter capitalista, o qual a burguesia procura perpetuar. Mas o Manifesto acrescenta que “quando [as camadas médias] se tornam revolucionárias, isto se dá em consequência de sua iminente passagem para o proletariado”.

Desse ponto de vista, é também um absurdo dizer que as classes médias, “juntamente com a burguesia” e, sobretudo, com a aristocracia feudal, “formam uma só massa reacionária” diante da classe trabalhadora.

Por acaso, nas últimas eleições, gritou-se aos artesãos, aos pequenos industriais etc. e aos camponeses: “Comparados a nós, vocês formam, juntamente com a burguesia e a aristocracia feudal, uma só massa reacionária?” (Marx, *Crítica ao programa de Gotha*, Boitempo, p. 34-35)

⁵³ “Se na Alemanha, por exemplo, a pequena-burguesia democrática fizesse parte dessa massa reacionária, como poderia então o Partido Operário Social-Democrata, por anos a fio, caminhar de mãos dadas com o Partido Popular? Como poderia o Volksstaat derivar virtualmente todo o seu conteúdo político do democrático pequeno-burguês Frankfurter Zeitung? E como explicar a adoção nesse mesmo programa de não menos de sete reivindicações coincidentes exatamente e palavra por palavra com o programa do Partido Popular e da democracia pequeno-burguesa? Refiro-me às sete reivindicações políticas dos artigos 1 a 5 e 1 e 2 nos quais não há nenhum que não seja democrático-burguês.” (Engels, *Carta a August Bebel de 18-28 de março de 1875*)

fator favorável o fortalecimento da república democrática⁵⁴.

O termo “massa reacionária” também não deve induzir em erro, é sob a bandeira da “democracia pura” que as forças contrarrevolucionárias coligadas enfrentarão o proletariado⁵⁵. Essa análise mostra mais uma vez o caráter mentiroso e também ridículo das análises que querem fazer de Engels um democrata agarrado à república democrática e às suas instituições, ao passo que se trata para o proletariado de varrê-las, de destruir o Estado burguês e de instaurar uma ditadura revolucionária.

⁵⁴ “Mas essa vitória republicana tem ainda outro significado. Ela prova que depois de 1870 a população do campo deu um grande passo adiante. Até então, toda vitória arrancada em Paris pela classe operária era pouco tempo depois reduzida a nada pelo espírito reacionário do pequeno campesinato, que constitui a grande massa da população francesa. Desde o começo deste século, o campesinato havia sido bonapartista. A segunda República, instituída em fevereiro de 1848 pelos operários parisienses, havia sido destroçada pelos seis milhões de votos camponeses que Louis-Napoléon obteve no mês de dezembro seguinte. Mas, a invasão prussiana de 1870 abalou a fé dos camponeses no Império e as eleições do último novembro provam que a massa das populações camponesas tornou-se republicana. Ela não significa apenas que, a partir de agora, toda restauração monárquica não tem nenhuma chance de sucesso. Ela significa igualmente que a aliança dos operários das cidades e os camponeses do campo está em plena gestação. (...)”

(...) a consolidação da República pelo menos forneceu aos operários franceses o terreno sobre o qual eles podem organizar-se em partido político independente e disputar suas próximas batalhas não para o benefício de outros que eles mesmos, mas sobretudo para o seu próprio benefício; ao mesmo tempo, ela forneceu o terreno sobre o qual eles podem aliar-se à massa de camponeses que até o presente lhes era hostil e fazer de suas vitórias futuras não mais, como era o caso, breves triunfos de Paris sobre a França, mas triunfos definitivos de todas as classes oprimidas da França sob a batuta dos operários de Paris e das grandes cidades do interior.” (Engels, *Os trabalhadores europeus em 1877*. The Labor Standard, 3, 10, 17, 24 e 31 de março de 1878)

⁵⁵ “No que concerne à *democracia pura* e seu papel no futuro, eu não compartilho de sua opinião. Está na ordem das coisas que ela desempenhará um papel bem inferior na Alemanha do que nos países de desenvolvimento industrial mais antigo. Mas isso não impede que no momento da revolução ela assuma uma importância momentânea sob a forma de um partido *burguês* extremo, desempenhando o mesmo papel que em Frankfurt em 1848, quando ela foi a última tábua de salvação de toda a economia burguesa e mesmo feudal. Naquele momento, toda a massa feudal burocrática, no período de março a setembro de 1848, sustentou os liberais para conter as massas revolucionárias e uma vez obtidas este resultado os liberais foram naturalmente enxotados a pontapés nas suas bundas. Do mesmo modo, de maio de 1848 à eleição de Bonaparte em dezembro, o partido republicano puro do *Nacional*, o mais fraco de todos os partidos, reinou na França, simplesmente porque toda a reação estava reunida e organizada atrás dele. É isto o que se produz em cada revolução: o partido mais dócil, o que ainda é capaz de tomar o poder entre suas mãos, assume as rédeas do Estado porque, precisamente, os vencidos veem nele a última esperança de salvação. (...)”

Entretanto, os acontecimentos podem tomar na Alemanha um rumo um pouco diferente por razões de ordem militar. No estado atual das coisas, o impulso exterior provavelmente virá da Rússia. Se esse não for o caso, o impulso viria da própria Alemanha e então a revolução não poderá eclodir senão a partir das forças armadas. Nos dias de hoje, um povo desarmado tem uma magnitude completamente insignificante do ponto de vista militar diante de forças armadas modernas. Caso isso aconteça, se nossa reserva com idades de vinte a vinte e cinco anos, que ainda não vota, mas que está treinada na arte militar, entrar em ação, seria possível passar por cima da democracia pura. Mas, *por ora*, essa questão é igualmente teórica, se bem que eu seja obrigado, como representante do alto estado-maior do partido, a considerar essa hipótese e não descartá-la. De todo modo, no dia da crise e no dia seguinte, nosso único adversário será a *massa reacionária agrupada em torno da democracia pura* e isto, a meu juízo, não se pode perder de vista.” (Engels, *Carta a Bebel de 11-12 de dezembro de 1884*)